

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS – UNIGOIÁS
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

ISABELLA CRISTINA BORGES CARVALHO MACHADO
JULLYA VIEIRA PRADO

ORIENTADORA: DRA. GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES

**DUQUESA, RAINHA GOSTOSA & INTELIGENTE: ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO E BRANDING NA MÚSICA “PRIMEIRO DE MAIO”**

GOIÂNIA
2025

ISABELLA CRISTINA BORGES CARVALHO MACHADO
JULLYA VIEIRA PRADO

**DUQUESA, RAINHA GOSTOSA & INTELIGENTE: ESTRATÉGIAS DE
COMUNICAÇÃO E BRANDING NA MÚSICA “PRIMEIRO DE MAIO”**

Estudo de Caso apresentado como requisito parcial
para a disciplina Estudo de Caso em Comunicação,
do Curso de Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda do Centro Universitário de Goiás –
UniGoiás
Orientadora: Dra. Giovanna Adriana Tavares
Gomes

GOIÂNIA
2025

AGRADECIMENTOS

Nosso reconhecimento, antes de tudo, à professora Dra. Giovanna Adriana Tavares Gomes, cuja orientação firme e generosa nos desafiou a pensar melhor, escrever com precisão e sustentar escolhas metodológicas com coragem. Sua escuta, seus apontamentos rigorosos e a confiança depositada em nosso potencial foram centrais para que este estudo ganhasse consistência e fôlego.

Agradecemos ao Centro Universitário de Goiás – UniGoiás, pela infraestrutura e pelo compromisso com a pesquisa crítica, que nos permitiram transformar inquietações em conhecimento compartilhável.

Estendemos nossa gratidão às colegas e aos colegas de curso: pelas leituras trocadas, pelos debates francos e pelo apoio constante que manteve o projeto vivo nos dias de cansaço. A todas as pessoas que contribuíram com dados, referências, revisões ou palavras de incentivo, nosso muito obrigada.

Por fim, dedicamos este trabalho às mulheres que nos antecederam e às que caminham ao nosso lado — professoras, pesquisadoras, profissionais e estudantes —, cuja presença inspira, abre caminhos e reafirma que a produção de conhecimento também é gesto de autonomia e de transformação social. Que este texto some-se às vozes que lutam por equidade e por uma ciência mais plural e comprometida com o empoderamento feminino.

RESUMO EXECUTIVO

O estudo analisa a canção “Primeiro de Maio”, da rapper baiana Duquesa, como prática discursiva de empoderamento feminino negro e como estratégia de construção da marca-artista no campo do rap/trap contemporâneo. Inscrito no contexto de um cenário musical ainda marcado por racismo estrutural, sexismo e desigualdades de classe, o trabalho parte do problema de como a letra da canção articula corpo, desejo, competência e dinheiro, e de que maneira essa mensagem é apropriada por mulheres negras ouvintes. O objetivo geral consiste em compreender se e como “Primeiro de Maio” contribui para a compreensão e a vivência do empoderamento feminino negro, articulando dimensões simbólicas, afetivas e econômicas, bem como analisar implicações desse discurso para o posicionamento de Duquesa como marca-artista. Metodologicamente, adota-se um estudo de caso com abordagem mista, combinando análise temática exploratória da letra com pesquisa on-line por meio de questionário estruturado aplicado via Google Forms a mulheres negras, maiores de 18 anos, residentes em Goiânia/GO e ouvintes de rap/trap. O referencial teórico mobiliza contribuições do feminismo negro, da noção de racismo estrutural e de estudos sobre música, comunicação e marketing. Os resultados da análise da letra evidenciam eixos centrais: a reconfiguração do estereótipo da mulher negra como “gostosa e inteligente”; a articulação entre prazer, festa e autonomia financeira (“rebolo na sexta, conto grana na segunda”); a construção da “postura de chefe”, associada à liderança e ao comando; e a centralidade do respeito e do reconhecimento profissional. Na pesquisa de recepção, embora itens fechados formulados com termos técnicos (como “empoderamento feminino preto na sociedade”) apresentem médias baixas, as respostas abertas indicam que as ouvintes atribuem à canção significados relacionados à confiança, autoestima, representatividade, identidade racial, autonomia financeira e força para enfrentar desafios, acionando a música como “hino” ou “despertador” motivacional em seu cotidiano. Conclui-se que “Primeiro de Maio” opera simultaneamente como entretenimento e como ferramenta de empoderamento simbólico, ao oferecer um repertório acessível para que mulheres negras se reconheçam como sujeitos desejantes, competentes, bem-sucedidas e merecedoras de respeito, ao mesmo tempo em que reforça o posicionamento de Duquesa como marca-artista alinhada a uma gramática de sucesso, lucro e ascensão econômica. O estudo contribui para os campos da Comunicação e do Marketing ao evidenciar como narrativas musicais de mulheres negras podem articular resistência, identidade e posicionamento de marca em contextos midiáticos plataformizados.

Palavras-Chave: Empoderamento feminino negro. Rap/trap feminino. Marca-artista. Comunicação e marketing. Recepção musical.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado “Duquesa: Rainha Gostosa e Inteligente – uma análise da letra da música ‘Primeiro de Maio’”, tem sua relevância evidenciada pela centralidade crescente do debate sobre representações, discursos e identidades no cenário contemporâneo, tanto no campo acadêmico quanto no profissional. A escolha do tema se justifica pela necessidade de compreender de que modo a canção Primeiro de Maio, da rapper Duquesa, articula signos de empoderamento de mulheres negras e como tais enunciados reverberam na experiência de suas ouvintes. Em um contexto marcado por transformações econômicas, sociais e tecnológicas — que reconfiguram práticas culturais, circulação de conteúdos e formas de consumo musical —, analisar letras de rap/trap como práticas discursivas permite apreender tensões e potências de narrativas que disputam sentidos no espaço público.

Para situar o fenômeno, procede-se à contextualização da artista e da obra em foco, apresentando aspectos de sua trajetória, inserção no mercado, estratégias estéticas e discursivas e a relevância de Primeiro de Maio dentro do segmento. Tal enquadramento evidencia condicionantes internos e externos — históricos, econômicos e socioculturais — que moldam a produção e a recepção da canção, permitindo uma visão ampla e crítica do objeto. A partir dessa base, o estudo busca evidenciar como a performance poética, as referências culturais e a tessitura linguística mobilizadas por Duquesa produzem efeitos de sentido relacionados à força, resistência e afirmação identitária. Deste modo, a pergunta norteadora desta pesquisa é: De que modo a letra de “Primeiro de Maio”, da rapper Duquesa, constrói enunciados de empoderamento de mulheres negras e que impactos produz em suas ouvintes?

Os objetivos foram delineados de modo a assegurar coerência metodológica e pertinência dos resultados. Como objetivo geral, propõe-se analisar como a letra de Primeiro de Maio reforça o empoderamento de mulheres negras e quais impactos produz em suas ouvintes. Desdobram-se, como objetivos específicos integrados ao percurso analítico: 1) identificar os principais temas associados ao empoderamento feminino negro presentes na canção; 2) examinar o uso da linguagem, das metáforas e das referências culturais como dispositivos de construção de mensagens de força e resistência; e, 3) compreender de que maneira e em que dimensões a obra impacta a vida de quem a escuta, considerando percepções, afetos e possíveis deslocamentos de autoimagem e agência.

A estrutura do trabalho foi organizada para conduzir o leitor por um encadeamento lógico e fundamentado. Inicialmente, apresenta-se o referencial teórico que sustenta a

análise, reunindo conceitos e abordagens pertinentes aos estudos do discurso, cultura e música popular. Em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos, com detalhamento de corpus, critérios de seleção, instrumentos e técnicas de coleta e análise. Na sequência, expõem-se e discutem-se os resultados à luz da literatura revisada, evidenciando convergências, tensões e contribuições. Por fim, são apresentadas as conclusões, as limitações do estudo e recomendações para pesquisas futuras, consolidando as implicações acadêmicas e práticas da investigação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta o arcabouço conceitual que sustenta a análise da canção “Primeiro de Maio”, articulando três eixos complementares: (i) raça, racismo, interseccionalidade e empoderamento, para situar a experiência de mulheres negras e os regimes de poder que moldam voz e silêncio; (ii) música popular/rap como prática discursiva, compreendendo linguagem, performance e circulação como dispositivos de disputa simbólica; e (iii) marketing, consumo e circulação musical em ambientes plataformizados, com ênfase em posicionamento, segmentação e mediações algorítmicas. Ao delimitar categorias operacionais e autores de referência, o capítulo fornece critérios de leitura e interpretação que, na seção seguinte, serão aplicados à letra, às escolhas expressivas e ao contexto de recepção da obra, preservando a coerência entre referencial teórico e análise empírica.

2.1 Raça, racismo, interseccionalidade e empoderamento

Parte-se do entendimento de “raça” como uma construção histórica e social, produzida em contextos específicos de dominação e colonização, que classifica e hierarquiza grupos a partir de marcadores fenotípicos e culturais. Não se trata, portanto, de uma categoria biológica, mas de uma tecnologia de poder que organiza relações sociais e distribui desigualmente recursos, oportunidades e reconhecimento (ALMEIDA, 2019; MUNANGA, 2004).

Nessa chave, o racismo é concebido como um sistema histórico de dominação que se atualiza nas interações cotidianas, nas instituições e nas estruturas socioeconômicas. Almeida (2019) define o racismo como uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes, resultando em privilégios ou desvantagens para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Essa perspectiva permite compreender que o racismo não se reduz a atitudes individuais, mas está imbricado em mecanismos de funcionamento do Estado, do mercado, da mídia e de outras instâncias de poder.

A literatura diferencia dimensões interligadas do racismo — individual, institucional e estrutural — justamente para evidenciar que, mesmo na ausência de intenção explícita, normas e rotinas podem produzir efeitos racializados e persistentes (ALMEIDA, 2019). Essa diferenciação é analiticamente útil e politicamente relevante, pois evita que o debate se restrinja a “casos isolados” e ajuda a formular políticas públicas capazes de enfrentar as lógicas sistêmicas de exclusão.

A crítica feminista negra desloca a suposição de uma experiência feminina universal ao demonstrar que opressões de raça, gênero e classe se entrelaçam e não podem ser explicadas por uma única categoria (DAVIS, 1981; COLLINS, 2019; HOOKS, 2000). Autoras como Angela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro evidenciam que as experiências de mulheres negras só se tornam inteligíveis quando historicizadas e relacionadas às formas de exploração econômica e de silenciamento cultural que atravessam o mundo do trabalho, a esfera doméstica e os espaços de representação (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011; RIBEIRO, 2018).

A dimensão histórica é incontornável. Do pós-abolição ao presente, a subalternização de mulheres negras combina sexualização compulsória, deslegitimação intelectual e precarização laboral (DAVIS, 2016; WERNECK, 2006). Em registro emblemático, Davis (2016) lembra que “as mulheres negras foram as trabalhadoras do campo, das casas e das fábricas”, ocupando postos centrais para a reprodução da vida social, mas raramente reconhecidos como trabalho qualificado. Essa memória social informa tanto a crítica quanto as formas contemporâneas de resistência e afirmação, nas quais a reivindicação de voz, de corpo e de renda se articulam.

O debate sobre voz e silêncio, caro a hooks, reforça que “faltar voz” não é um dado natural, mas resultado de relações de poder e de dispositivos discursivos que desautorizam determinadas enunciantes (HOOKS, 2018). O silêncio é produzido, mantido e naturalizado por estruturas que definem quem pode falar, sobre o quê e a partir de qual lugar. Esse argumento será fundamental para interpretar enunciados que reivindicam fala no espaço público e para examinar como artistas como Duquesa disputam sentidos hegemônicos ao afirmarem sua própria narrativa.

Neste trabalho, “empoderamento” é compreendido como a ampliação de capacidades, direitos e participação social das mulheres, envolvendo autonomia decisória, presença política, acesso a recursos econômicos e controle sobre o próprio corpo (ONU MULHERES, 2010). A formulação institucional sublinha a necessidade de “unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres”, apontando para a transformação das condições que sustentam desigualdades, e não para uma simples inversão de hierarquias.

A literatura destaca dimensões complementares do empoderamento — social/comunitária, política, econômica, sexual/corporal e cultural/simbólica — e indica que essas camadas operam de modo sinérgico (WERNECK, 2006; RIBEIRO, 2018; DAVIS, 2017). Indicadores de desigualdade, como os produzidos por IBGE e IPEA, evidenciam que mulheres negras seguem concentradas em ocupações de menor remuneração e maior informalidade, ao mesmo tempo em que formam o grupo mais exposto à violência e com menor acesso a

instâncias de decisão. Esses dados ajudam a situar os limites estruturais com os quais o discurso de empoderamento precisa dialogar, evitando que ele seja reduzido a um mantra individualista.

Fala-se em empoderamento feminino negro quando se reconhece que barreiras e recursos são atravessados por raça e classe, tornando indispensável um enquadramento interseccional (DAVIS, 1981; COLLINS, 2019; RIBEIRO, 2018). Nesse horizonte, autoafirmação, agência e resistência aparecem como processos ao mesmo tempo sociais e simbólicos, em que linguagem, memória e organização coletiva desempenham papel estruturante. A música, e o rap em particular, torna-se um espaço privilegiado para a circulação desses discursos, permitindo que mulheres negras elaborem narrativas sobre si mesmas e as disponibilizem para identificação, inspiração e debate.

Por consequência, este referencial delimita um conjunto de categorias analíticas — raça, racismo estrutural, interseccionalidade e empoderamento — que orientam a leitura do corpus, especialmente na identificação de como a letra de “Primeiro de Maio” tensiona hierarquias de gênero, raça e classe ao representar a mulher negra como “gostosa e inteligente”, trabalhadora e “chefe”, ao mesmo tempo.

2.2 Música, rap e práticas discursivas

A música popular pode ser compreendida, no âmbito dos estudos de comunicação e cultura, como prática discursiva que articula sensibilidades, memórias e disputas simbólicas em torno de identidades sociais. Mais do que entretenimento, canções condensam narrativas sobre o mundo, organizando afetos, conflitos e projetos de futuro (HERSCHMANN, 1997; JANOTTI JR., 2005). No caso do rap, esse potencial é acentuado pela centralidade da palavra e pela função de relato de experiências situadas, especialmente aquelas das periferias urbanas.

No contexto brasileiro, o rap emerge como voz de sujeitos historicamente marginalizados, ligados a territórios marcados por pobreza, violência estatal e racismo estrutural. Trata-se de um gênero em que linguagem, performance e circulação co-produzem significados e instauram um espaço de agência política e simbólica (HOLLANDA, 2005; HERSCHMANN, 1997). O rap opera pela palavra-ato: rima, batida e flow mobilizam interpelações públicas, convertendo a performance em dispositivo de posicionamento, denúncia e construção de orgulho coletivo.

A crítica cultural registra que, desde suas origens, o hip-hop constitui um movimento estético-político que integra música, dança, artes visuais e discursos de resistência (ROSE, 1994). No Brasil, o rap ganhou contornos próprios ao dialogar com tradições musicais locais,

como samba e funk, e ao narrar as especificidades da experiência negra e periférica em cidades marcadas por desigualdades profundas. Ao longo dos anos 1990 e 2000, grupos e artistas solo consolidaram o gênero como espaço legítimo de debate público sobre violência policial, encarceramento em massa, trabalho precarizado e racismo, entre outros temas (HOLLANDA, 2005).

Em obras de mulheres negras, ganham centralidade temas como corpo, prazer, autonomia, maternidade, sexualidade e enfrentamento ao patriarcado. Essas poéticas reorganizam imagens de si e tensionam regimes de visibilidade, propondo outras autorrepresentações possíveis no debate público (HOOKS, 2000; DAVIS, 2017; CARNEIRO, 2011). Se, por muito tempo, a mulher negra foi representada na música a partir de estereótipos produzidos por olhares masculinos e brancos, as artistas de rap e trap passam a disputar a narrativa, falando de si mesmas em primeira pessoa, definindo seus desejos, limites e ambições.

A historicidade dessas expressões antecede o rap e remete às performances do blues e do jazz, nas quais já se recusava o confinamento do feminino ao privado. Davis (2017) aponta que cantoras de blues, como Bessie Smith e Ma Rainey, problematizavam o casamento, a sexualidade, a violência e o trabalho, afirmando publicamente experiências que antes eram silenciadas. Essa genealogia amplia o repertório de leitura e situa continuidades entre formas musicais e políticas do corpo, permitindo enxergar o rap feminino negro contemporâneo como herdeiro de uma longa tradição de mulheres negras que usam a música para falar de si e do mundo.

Com a plataformização da cultura, redes sociais e serviços de streaming reconfiguram mediações entre artistas e públicos. A circulação digital amplia a capacidade de contestação e visibilidade de projetos estéticos e políticos, ao mesmo tempo em que introduz novas assimetrias de alcance, condicionadas por algoritmos, curadorias editoriais e práticas de engajamento (JENKINS, 2009). A canção circula não apenas como faixa de áudio, mas também como clipe, postagem, meme, trecho usado em challenges, entre outros formatos. Esses usos multiplicam os contextos de recepção e abrem espaço para que ouvintes se apropriem do discurso e o reinscrevam em suas rotinas.

A recepção do rap envolve identificação, afeto e crítica, variando segundo trajetórias socioculturais, gênero, raça, classe e regimes de escuta. Metodologias que articulam análise textual, performance e práticas de audiência são recomendáveis para apreender como significados se estabilizam ou se transformam (HOLLANDA, 2005). Comentários em plataformas digitais, relatos de fãs e dados de circulação podem fornecer pistas sobre impactos subjetivos e comunitários, ainda que não substituam a análise cuidadosa da obra em si.

Ao mesmo tempo, a literatura adverte contra a hipóstase do rap como uma “voz” homogênea das periferias. Diferenças estéticas, regionais, geracionais, religiosas e de gênero, além de condições materiais de produção, introduzem heterogeneidades que impedem generalizações precipitadas (HOLLANDA, 2005; HERSCHMANN, 1997). Esse cuidado é crucial para não impor às obras um horizonte interpretativo único, reconhecendo que, dentro do rap/trap, convivem discursos conservadores, progressistas, hedonistas, religiosos, entre outros.

Desse modo, estabelece-se um quadro em que o rap pode ser lido como prática discursiva de resistência e afirmação identitária, sem perder de vista as materialidades de sua circulação e as disputas internas do campo musical. No caso específico de Duquesa, a ênfase em empoderamento, faturamento, sensualidade e liderança feminina negra insere sua obra em uma vertente do rap/trap que combina crítica social, afirmação identitária e construção de marca pessoal.

2.3 Marketing, consumo e circulação musical

No sentido amplo, marketing é o processo social por meio do qual indivíduos e grupos criam, oferecem e trocam produtos e valores, atendendo necessidades e desejos (KOTLER; KELLER, 2012). Aplicado à música, o marketing envolve decisões sobre posicionamento, público-alvo, proposta de valor estética e discursiva, identidade visual, cronograma de lançamentos, estratégias de relacionamento com fãs e parcerias comerciais. A obra deixa de ser apenas um “produto cultural” e passa a integrar um ecossistema de marca, no qual a artista é, simultaneamente, criadora, personagem e “empresa”.

A circulação contemporânea de obras musicais depende de infraestruturas digitais — plataformas de streaming, redes sociais, agregadores e serviços de vídeo — cujo desenho algorítmico e práticas de curadoria influenciam alcance, descoberta e legitimação simbólica (KOTLER; KELLER, 2012; JENKINS, 2009). Playlists editoriais, recomendações personalizadas, trends e virais se tornam portas de entrada para novas audiências, ao mesmo tempo em que geram uma competição intensa por atenção. Nesse cenário, lançamentos em formato de single, colaborações (feats), visualizers, clipes e “sessions” ao vivo são utilizados estrategicamente para manter a obra em circulação.

A segmentação organiza esforços de comunicação segundo perfis sociodemográficos, estilos de vida e motivações (KOTLER; KELLER, 2012). Embora o rap/trap dialogue fortemente com circuitos juvenis urbanos, sua recepção é heterogênea e atravessa diferentes faixas etárias, gêneros e classes sociais. Mulheres negras jovens constituem um segmento especialmente relevante para artistas como Duquesa, não apenas como consumidoras de

música, mas como público que se vê diretamente representado nas narrativas de ascensão, empoderamento e enfrentamento ao racismo.

Nesse contexto, gatekeepers — como playlists editoriais, mídia especializada, criadores de conteúdo, perfis de fãs e comunidades de nicho — atuam como amplificadores de visibilidade e, por vezes, como reprodutores de vieses de gênero e raça. Estudos sobre a indústria musical mostram que artistas mulheres, sobretudo negras, ainda enfrentam barreiras para acessar certos espaços de legitimidade, prêmios e contratos (LOPES, 2011). Dessa forma, mapear estruturas de oportunidade e barreira torna-se essencial para compreender as condições de circulação do discurso de empoderamento feminino negro na música.

A marca-artista integra estética, narrativa e posicionamento social. Para além de um “estilo musical”, constrói-se uma identidade que abrange visualidade, performance, discursos públicos, posicionamentos em redes sociais e formas de interação com fãs. Coerência entre identidade e comunidade tende a sustentar lealdade e advocacy, sobretudo quando o projeto mobiliza dimensões de pertença e reconhecimento (KOTLER; KELLER, 2012; HOOKS, 2000). No caso de artistas mulheres negras, esse ponto conecta-se à disputa por representações não estereotipadas e à construção de legitimidade em arenas historicamente excludentes.

Métricas de desempenho — como número de streams, saves, compartilhamentos, crescimento de base de seguidores e engajamento em postagens — oferecem sinalizações táticas sobre circulação e descoberta da obra, mas são indicadores imperfeitos de valor cultural (KOTLER; KELLER, 2012). Elas ajudam a compreender o alcance e algumas formas de recepção, porém não dão conta, sozinhas, da profundidade de identificação, dos processos subjetivos de empoderamento e das transformações na autoimagem das ouvintes.

O marketing musical, nesse sentido, opera a circulação do discurso, enquanto o referencial cultural e discursivo ilumina a produção de sentido da obra. Integrar esses registros — sem reduzir o discurso ao “produto”, nem o produto à mera “propaganda” — permite compreender como estratégias de posicionamento potencializam (ou limitam) leituras públicas de canções que disputam sentidos no espaço social (KOTLER; KELLER, 2012; HOLLANDA, 2005). No caso de Duquesa, a construção da imagem de “rainha gostosa e inteligente” aparece tanto na música quanto em elementos visuais, nas redes sociais e em interações com o público, compondo um projeto integrado de marca que dialoga diretamente com as noções de empoderamento feminino negro discutidas na seção 2.1.

2.4 Comunicação, representação e identidade

Por se tratar de um estudo em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, é importante ancorar o debate também nas teorias da comunicação e da cultura que discutem

representação e identidade. Stuart Hall (2003) aponta que os meios de comunicação participam ativamente da construção de significados sociais, operando como instâncias de produção e circulação de representações. A representação não é um espelho neutro da realidade, mas um processo de construção de sentido, no qual certas imagens, narrativas e enquadramentos são privilegiados em detrimento de outros.

No campo das relações raciais e de gênero, isso significa que a mídia pode tanto reproduzir estereótipos quanto contribuir para a emergência de novas formas de visibilidade. Por muito tempo, mulheres negras foram representadas a partir de figuras como a “mulata”, a “doméstica” ou a “hipersexualizada”, reforçando imaginários que as mantinham em lugares subalternizados (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011). A entrada de mulheres negras como produtoras de conteúdo — roteiristas, cantoras, influenciadoras, rappers — desloca essa lógica, permitindo que elas disputem a narrativa sobre seus corpos, desejos e trajetórias.

Do ponto de vista da identidade, Hall (2005) propõe compreendê-la como processo, e não como essência fixa. Identidades são construídas por meio de discursos, práticas e relações, marcadas por diferença e por conflito. Em contextos pós-coloniais e marcados pela diáspora negra, as identidades afrodescendentes são atravessadas por memórias de escravidão, racismo e resistência, dando origem a formas híbridas de expressão cultural. A música, mais uma vez, aparece como espaço privilegiado para a negociação desses sentidos.

Na perspectiva latino-americana, autores como Jesús Martín-Barbero (2003) e Muniz Sodré (2002) destacam a importância de considerar mediações culturais e contextos populares na análise da comunicação. Para eles, produtos midiáticos como músicas, novelas, filmes e conteúdos digitais não podem ser lidos apenas como mensagens lineares, mas como parte de práticas cotidianas, rituais e sociabilidades. Assim, a canção “Primeiro de Maio” não é só um “texto” a ser decifrado, mas também um elemento que entra na rotina de escuta das ouvintes, acompanha deslocamentos, festas, momentos de trabalho e de autocuidado, operando como recurso simbólico na construção de autoimagem e autoestima.

A partir dessas referências, este estudo entende que analisar a obra de Duquesa implica observar tanto a forma como a artista se representa (em letras, clipes, redes) quanto a forma como é apropriada por suas ouvintes. A figura da “rainha gostosa e inteligente” pode ser lida como contra-imagem a estereótipos racistas e sexistas, oferecendo uma narrativa alternativa de mulher negra: competente, desejante, autônoma e consciente de seu valor. Ao mesmo tempo, essa narrativa é atravessada por disputas de sentido — inclusive críticas sobre consumo, luxo e mercado — que exigem um olhar atento às ambivalências da comunicação em sociedades marcadas por desigualdades.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta seção descreve o delineamento metodológico adotado para responder à questão norteadora e atingir os objetivos do estudo, especificando tipo de pesquisa, técnicas de coleta, universo e amostra, procedimentos de análise e justificativas das escolhas. Busca-se assegurar rigor e coerência entre problema, objetivos e métodos, garantindo transparência no percurso de investigação.

3.1 Tipo de Pesquisa e abordagem

O estudo caracteriza-se como pesquisa exploratória-descritiva, com abordagem mista (qualitativa e quantitativa). A dimensão exploratória é pertinente quando o fenômeno carece de sistematização prévia, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema e torná-lo mais explícito (GIL, 2008). Já a dimensão descritiva busca identificar e caracterizar atributos do objeto — neste caso, a letra da canção e aspectos de sua recepção —, conforme a definição de que “tem por objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 61).

Quanto à abordagem, adota-se um método misto, articulando: (1) análise qualitativa da letra de “Primeiro de Maio”, voltada à interpretação dos sentidos construídos pela obra; e (2) levantamento quantitativo simples, por meio de questionário on-line, para mensurar percepções de ouvintes sobre empoderamento, autoestima e autonomia. A combinação entre perspectivas qualitativa e quantitativa é recomendada “quando se deseja tanto obter generalizações quanto entender a fundo o fenômeno estudado” (GIL, 2008, p. 28).

Assim, procede-se à análise da canção “Primeiro de Maio” (eixo qualitativo) e à aplicação de formulário via Google Forms com ouvintes (eixo quantitativo), permitindo triangulação entre texto, teoria e percepções empíricas. Essa triangulação reforça a consistência dos achados, ao colocar em diálogo o discurso da artista, o referencial teórico e a voz das participantes.

3.2 Técnicas de coleta de dados

A pesquisa utilizou quatro principais técnicas de coleta de dados: (a) pesquisa bibliográfica e documental; (b) estudo de caso; (c) análise temática exploratória da letra; e (d) aplicação de questionário on-line junto a ouvintes da canção.

3.2.1 Pesquisa bibliográfica e documental

Realizou-se pesquisa bibliográfica e documental com o objetivo de consolidar o referencial teórico e orientar as categorias analíticas. Em termos amplos, a pesquisa bibliográfica abrange desde a identificação, localização e obtenção das obras pertinentes até a elaboração de um texto sistematizado que sintetize a literatura consultada (DUARTE BARROS, 2006).

Foram utilizados como fontes:

- livros e artigos científicos sobre feminismo negro, raça, racismo estrutural, interseccionalidade e empoderamento;
- estudos sobre rap, música popular, comunicação e cultura;
- relatórios institucionais e dados secundários de órgãos como IBGE, IPEA e ONU Mulheres;
- documentos públicos e materiais de domínio público relacionados ao contexto do rap/trap feminino negro.

Essa etapa permitiu construir o arcabouço conceitual apresentado na Fundamentação Teórica, bem como delimitar as categorias que orientaram a leitura da letra e a análise dos relatos das ouvintes.

3.2.2 Estudo de caso

Adotou-se o estudo de caso como estratégia metodológica central, tendo como unidade analítica principal a canção “Primeiro de Maio” (2024), da rapper Duquesa. O estudo de caso “permite a análise intensiva e aprofundada de uma unidade” em seu contexto (GIL, 2008, p. 55), sendo especialmente adequado para fenômenos contemporâneos e situados.

O procedimento compreendeu:

- i) definição do caso e de seus limites (a obra em si e paratextos oficiais associados, como título, créditos e contexto de lançamento);
- ii) coleta de evidências (letra oficial e documentos complementares relevantes);
- iii) análise de conteúdo e de sentidos, conforme descrito na subseção 3.2.3;
- iv) validação interna, por meio de checagens de coerência entre interpretação, referencial teórico e dados de recepção.

O uso do estudo de caso permitiu examinar, em profundidade, como a canção constrói enunciados de empoderamento feminino negro e de que modo esses enunciados são percebidos por parte de seu público.

3.2.3 Análise temática exploratória (qualitativa)

Para a leitura da letra, optou-se por uma análise temática exploratória, de caráter descritivo-interpretativo, apropriada a estudos que buscam identificar padrões de sentido em textos culturais sem exigir protocolos técnicos complexos. O procedimento seguiu quatro passos simples e reproduzíveis:

- i) leitura flutuante e integral da letra, visando à familiarização com o material e à apreensão geral do tom, das imagens e dos campos semânticos mobilizados;
- ii) marcação de trechos relevantes (versos e enunciados) associados a noções do referencial teórico — como empoderamento, autonomia, autoestima, agência, enfrentamento a racismo/sexismo, trabalho, sucesso financeiro e liderança;
- iii) agrupamento desses trechos em temas provisórios, tais como: afirmação identitária (“gostosa e inteligente”), corpo, prazer e trabalho; postura de “chefe” e autonomia financeira; força, respeito e resistência;
- iv) síntese interpretativa, articulando cada tema ao referencial teórico e ao objetivo do estudo, de forma a responder à questão norteadora.

Esse percurso é compatível com abordagens qualitativas que privilegiam compreensão e contextualização do fenômeno, sem ênfase em procedimentos estatísticos ou de codificação formal (GIL, 2008; DUARTE BARROS, 2006).

Para organização e transparência, as marcações e os temas foram registrados em planilha simples, contendo colunas para: verso/enunciado; observação do pesquisador; tema associado; e nota de ligação com a teoria. A consistência das interpretações foi buscada por meio de leitura de retorno (segunda rodada de leitura confrontando temas e trechos) e de validação por pares informal, em que um leitor externo revisou os temas e sua aderência aos trechos selecionados. Tais procedimentos são usuais em estudos exploratórios e de pequeno porte (GIL, 2008).

Os resultados dessa análise são apresentados em forma de temas, acompanhados de trechos ilustrativos e justificativas de vínculo com o referencial teórico, preservando o foco na pergunta norteadora e nos objetivos do estudo.

3.2.4 Pesquisa on-line pelo Google Forms (ouvintes)

Além da análise da letra, foi realizada uma pesquisa on-line por meio da plataforma Google Forms, com participação voluntária e amostragem não probabilística por conveniência. Os convites foram compartilhados com mulheres que se identificam como pretas ou pardas e escutam rap/trap, as quais puderam, ainda, repassar o link a outras possíveis interessadas (amostragem tipo “bola de neve”).

O formulário foi estruturado de modo curto e objetivo, contendo:

- i) perguntas de perfil (idade, raça/cor autodeclarada, cidade de residência);
- ii) questões sobre hábito de escuta (se já ouviram a canção “Primeiro de Maio”, com que frequência, em quais contextos costumam ouvir);
- iii) perguntas diretas sobre percepções ligadas a empoderamento, autonomia e autoestima, combinando itens fechados (escala de concordância) e uma pergunta aberta para comentários livres sobre o que a música representa em suas vidas.

Antes da divulgação, o formulário foi testado com um pequeno grupo para checar clareza, ordem das questões e tempo médio de resposta, tendo sido feitos ajustes pontuais de redação. As respostas foram coletadas exclusivamente para fins acadêmicos, de forma anônima, e exportadas do Google Forms para planilha eletrônica, o que facilitou a leitura das frequências e a organização dos comentários qualitativos.

Os dados provenientes dessa etapa foram utilizados para complementar a análise da letra, oferecendo indícios empíricos sobre a maneira como a canção é apropriada por parte do público-alvo — mulheres negras ouvintes de rap/trap.

3.3 Universo e amostra

O universo do corpus textual compreende canções de rap/trap interpretadas por mulheres negras no Brasil, produzidas entre 2020 e 2025, com letra oficial disponível em fontes públicas. Dentro desse universo, a amostra é intencional e focaliza a canção “Primeiro de Maio” (DUQUESA, 2024), selecionada por:

- relevância teórico-analítica (presença explícita de marcadores de empoderamento, agência e enfrentamento a racismo/sexismo);
- inserção da artista em um segmento de rap/trap feminino negro em ascensão;
- acessibilidade do material (letra publicada oficialmente e ampla circulação nas plataformas digitais).

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão para a obra analisada:

- canção interpretada por artista negra;
- pertencente ao gênero rap/trap;

- letra oficial disponível;
- lançamento no período de 2020 a 2025.

Foram excluídas obras sem letra oficial acessível, de gêneros não compatíveis ou fora do recorte temporal definido.

Quanto às participantes da pesquisa de recepção, o universo de interesse abrange mulheres negras (pretas e pardas, autodeclaradas), com 18 anos ou mais, residentes em Goiânia/GO e ouvintes de rap/trap. A amostra foi não probabilística por conveniência/bola de neve, com meta inicial entre 50 e 100 respondentes, de forma a garantir volume mínimo para leitura descritiva.

Critérios de inclusão:

- autodeclarar-se preta ou parda;
- ter 18 anos ou mais;
- residir em Goiânia/GO;
- ter ouvido a canção “Primeiro de Maio” ao menos uma vez.

Critérios de exclusão:

- menores de 18 anos;
- não residentes em Goiânia;
- pessoas que não escutam rap/trap ou não conhecem a canção;
- autodeclaradas brancas, amarelas ou indígenas (por estarem fora do foco específico do estudo sobre empoderamento feminino negro).

O tamanho da amostra buscou equilíbrio entre viabilidade prática e possibilidade de leitura descritiva dos dados, sem pretensão de representatividade estatística da população de ouvintes da artista.

3.4 Considerações éticas, validade e limitações

A pesquisa com ouvintes observou princípios éticos básicos aplicáveis a estudos com seres humanos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado em formato eletrônico antes do início do questionário, informando objetivos, procedimentos, tempo estimado de resposta, garantia de anonimato e liberdade para desistir a qualquer momento, sem qualquer ônus. Foram coletadas apenas informações estritamente necessárias aos objetivos do estudo, evitando dados sensíveis desnecessários.

No que se refere à validade e confiabilidade, adotou-se um protocolo claro de procedimentos: pré-teste do formulário (com ajustes de linguagem e ordem das questões), registro organizado das respostas e relato transparente das decisões metodológicas. No eixo

qualitativo, recorreu-se à leitura de retorno (nova leitura confrontando temas e trechos da letra) e à validação por pares informal das categorias temáticas, procedimentos compatíveis com estudos exploratórios em pequena escala.

Reconhecem-se, entretanto, algumas limitações. A amostragem não probabilística restringe a possibilidade de generalização dos resultados para o conjunto de ouvintes de Duquesa. O uso de autorrelato em questionários on-line está sujeito a vieses de memória, desejabilidade social e interpretação das perguntas. Além disso, a análise de um único caso — uma única canção — limita comparações mais amplas com outras obras e artistas.

Esses limites foram mitigados por meio da triangulação entre: (a) referencial teórico; (b) análise temática da letra; e (c) resultados do formulário, bem como pelo alinhamento cuidadoso entre problema de pesquisa, objetivos e métodos. Ainda assim, as conclusões devem ser lidas como indicativas e contextualizadas, abrindo caminho para estudos futuros com amostras maiores, outros métodos de recepção (entrevistas, grupos focais) e análises comparativas entre diferentes artistas do rap/trap feminino negro.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Esta seção apresenta a caracterização do objeto de estudo, a análise temática da letra da canção “Primeiro de Maio” e os principais resultados da pesquisa de recepção com ouvintes, articulando-os ao referencial teórico sobre raça, gênero, empoderamento e rap/trap feminino negro. O objetivo central é compreender como a letra constrói enunciados de empoderamento de mulheres negras e de que modo esses enunciados são apropriados pelas ouvintes.

4.1 Caracterização do objeto

O objeto deste estudo é a canção “Primeiro de Maio”, lançada em 2024 pela rapper baiana Duquesa. A artista se insere na cena do rap/trap nacional, um espaço que, conforme discutido na seção 2.2, tem sido apropriado por sujeitos historicamente marginalizados como arena de denúncia, afirmação identitária e disputa de sentidos no espaço público.

Duquesa se destaca por um posicionamento discursivo marcado pela combinação entre empoderamento, competência profissional, autonomia financeira e afirmação do corpo negro feminino. Em sua obra, não apenas relata a luta, mas celebra vitória, excelência e faturamento, produzindo uma narrativa em que a mulher negra é representada como protagonista de sua trajetória, dotada de inteligência, desejo, potência estética e capacidade de liderança.

O slogan que inspira este estudo — “Gostosa e inteligente” — sintetiza essa operação simbólica: a artista recusa a cisão entre corpo e mente, entre sensualidade e seriedade, que historicamente marcou a representação de mulheres negras. A estética de Duquesa reconfigura o regime de visibilidade (HOOKS, 2018), transformando o corpo da mulher negra — frequentemente sexualizado e desvalorizado — em um símbolo de autoridade e poder, em diálogo com as discussões sobre empoderamento cultural, econômico e corporal (WERNECK, 2006; RIBEIRO, 2018).

Ao acionar o título “Primeiro de Maio”, dia internacionalmente associado às lutas trabalhistas, a canção conecta a narrativa individual de sucesso à memória de trabalho das mulheres negras, que, como lembra Davis (2016), historicamente ocuparam as posições mais precarizadas da economia. A letra aciona imagens de garra, esforço e ascensão, oferecendo às ouvintes um repertório simbólico de autoestima, reconhecimento e luta, alinhado à perspectiva de empoderamento feminino negro discutida na seção 2.1 (ONU MULHERES, 2010; DAVIS, 2017; RIBEIRO, 2018).

4.2 Análise temática da letra “Primeiro de Maio”

A partir do roteiro metodológico apresentado na seção 3.2.3, a análise temática da letra permitiu identificar alguns eixos centrais: a) afirmação identitária e reconfiguração de estereótipos (“gostosa e inteligente”); b) articulação entre prazer, trabalho e autonomia financeira; c) construção da “postura de chefe” e da liderança; d) exigência de respeito e reconhecimento profissional.

A seguir, apresentam-se esses eixos de forma articulada, com destaque para trechos da letra e seus vínculos com o referencial teórico.

4.2.1 “Gostosas inteligentes”: corpo, mente e reconfiguração de estereótipos

Logo no início da canção, a afirmação identitária central é enunciada:

“Gostosas inteligentes / Rebolo na sexta, conto grana na segunda” (DUQUESA, 2024).

Esse enunciado opera uma síntese radical. Ao afirmar “gostosas inteligentes”, a rapper rompe com a oposição historicamente imposta às mulheres negras entre sensualidade e intelectualidade. Em muitos imaginários racistas e sexistas, quando uma mulher negra é valorizada pela beleza ou sensualidade, tende a ser deslegitimada em sua capacidade intelectual ou de liderança; quando é reconhecida por competência e trabalho, sua beleza e desejo são apagados ou desvalorizados.

Duquesa reverte essa lógica: a mulher negra pode ser, simultaneamente, desejante, bonita, intelectual e estrategista. Trata-se de um ato de empoderamento simbólico, pois altera o signo que recai sobre o corpo negro feminino. Em vez de aceitar o rótulo limitador, a artista formula uma identidade completa e poderosa.

Esse movimento dialoga diretamente com a crítica feminista negra, que denuncia a construção histórica de estereótipos que fragmentam e desumanizam as mulheres negras (DAVIS, 1981; GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011; RIBEIRO, 2018). Ao articular corpo e mente, prazer e inteligência, Duquesa se inscreve na dimensão cultural/simbólica e sexual/corporal do empoderamento (WERNECK, 2006; ONU MULHERES, 2010), propondo uma imagem de mulher negra que recusa tanto o silêncio quanto a hipersexualização destituída de agência.

4.2.2 “Rebolo na sexta, conto grana na segunda”: prazer, trabalho e autonomia

Na sequência, o verso “Rebolo na sexta, conto grana na segunda” condensa dois campos que, historicamente, foram separados na experiência de mulheres negras: de um

lado, o corpo e o lazer; de outro, o trabalho e o dinheiro. “Rebolo na sexta” remete ao direito ao prazer, ao lazer, à festa, ao uso do corpo conforme seu próprio desejo. Já “conto grana na segunda” remete à competência, ao trabalho e à independência financeira — o dinheiro contado é fruto de sua atuação e de sua gestão, não de concessão alheia.

Historicamente, o corpo da mulher negra foi associado tanto ao trabalho precarizado (doméstico, rural, informal) quanto à sensualidade explorada, quase nunca à figura daquela que administra o próprio patrimônio (DAVIS, 2016; ALMEIDA, 2019). Ao aproximar dança, festa e contagem de dinheiro, Duquesa afirma que a mulher negra não precisa sacrificar sua estética, sua sensualidade ou seu estilo de vida para ser vista como competente e financeiramente capaz.

Esse trecho dialoga com a noção de interseccionalidade, ao mostrar que raça, gênero e classe não são dimensões separadas, mas se entrelaçam na construção das possibilidades de vida (DAVIS, 1981; COLLINS, 2019). A canção encena uma mulher negra que celebra o corpo e, ao mesmo tempo, se reconhece como sujeito econômico, o que se aproxima da dimensão econômica do empoderamento discutida por ONU Mulheres (2010) e Werneck (2006).

4.2.3 “Postura de chefe”: liderança, consumo e ruptura do lugar subalternizado

Outro eixo temático recorrente na letra é a “postura de chefe”, reiterada explicitamente no refrão:

“Postura de chefe / Chefe, chefe”

A imagem da “chefe” remete a liderança, comando, decisão. Em um contexto em que mulheres negras foram historicamente situadas em posições subalternas, seja no trabalho doméstico, seja em funções de baixa remuneração, reivindicar-se como “chefe” significa disputar o lugar de quem decide, contrata, negocia e lucra.

Versos que mencionam consumo e bens materiais — como “carro com cheiro de novo”, “banco de couro” ou referências a “malote” e “lucro” — são frequentemente lidos apenas como ostentação. Contudo, à luz do referencial teórico, esses elementos podem ser interpretados como marcadores de ruptura com a precariedade estrutural que marca a trajetória de grande parte das mulheres negras no Brasil (DAVIS, 2016; IBGE, 2023). O “luxo” exibido deixa de ser mero exibicionismo e se torna prova visível de que é possível quebrar o ciclo de pobreza estrutural e acessar bens historicamente negados a essa população.

A “postura de chefe”, portanto, articula empoderamento econômico e simbólico: a artista redefine a relação entre mulher negra e dinheiro, entre mulher negra e poder de decisão, em diálogo com o debate sobre racismo estrutural e acesso desigual a oportunidades (ALMEIDA, 2019).

4.2.4 Valor, reconhecimento e respeito

Versos como “Se o foco é o malote, tenho que ser a mais concorrida” e “Eu ganhei mais resposta depois que o cachê subiu / Eu não quero que me amem, mas espero que respeitem” aprofundam esse eixo. No primeiro, Duquesa associa diretamente o foco no “malote” (o ganho financeiro) à construção de uma posição de alta competição, sugerindo que, se o jogo é de mercado, ela se posiciona como a mais disputada. Não se trata de um sucesso por exceção, mas de transformar o próprio valor em algo inegociável, questionando o racismo estrutural que sistematicamente subestima a competência de mulheres negras (ALMEIDA, 2019).

No segundo trecho, a artista explicita a ambivalência do reconhecimento: o aumento do “cachê” traz mais responsabilidades, mas também revela que, muitas vezes, a valorização não se dá primeiro pela arte ou pelo respeito, e sim pelo sucesso econômico. Ao afirmar que “não quer que a amem, mas espera que respeitem”, Duquesa desloca o foco da aprovação afetiva para a exigência de respeito profissional e humano, direito básico tantas vezes negado às mulheres negras (DAVIS, 2016; HOOKS, 2018).

Em conjunto, esses versos reforçam a centralidade de respeito, valor e autonomia como dimensões fundamentais do empoderamento, articulando-as à crítica das hierarquias raciais e de gênero.

4.3 Resultados da pesquisa com ouvintes

Além da análise da letra, a pesquisa buscou compreender como a canção é apropriada por ouvintes que se identificam como mulheres negras, residentes em Goiânia e ouvintes de rap/trap. Nesta seção, são apresentados, de forma sintética, os principais resultados do formulário on-line, com ênfase nas respostas abertas, conforme delineado na metodologia.

4.3.1 Percepções de “chefe” e liderança

Os depoimentos escritos pelas participantes confirmam que a figura construída por Duquesa é lida como liderança, autonomia e controle da própria vida. Uma respondente afirma: “A canção representa que, independente de quem você é, deve ser dona da sua

própria vida e conquistar o seu próprio talento sem depender de ninguém.” Outra conecta diretamente a imagem da artista ao seu próprio projeto de futuro: “Representa a mulher que eu almejo me tornar.”

Há também referência explícita à quebra de um padrão de protagonismo masculino: “É muito motivador porque não é um homem. É ela quem faz negócios, e é com ela que eles vão ter que dividir os lugares, seja no palco ou em qualquer lugar.”

Esses trechos apontam para a leitura da música como ato de reivindicação de fala (HOOKS, 2018) e de lugar no mundo do trabalho. A figura da “chefe” é internalizada como metáfora de liderança e autogestão, alinhada às dimensões política e econômica do empoderamento (ONU MULHERES, 2010).

4.3.2 Empoderamento, autoestima e identidade racial

Um dos objetivos centrais do estudo foi verificar se a canção contribui para a compreensão e vivência do empoderamento feminino negro. Nos itens fechados do questionário, parte significativa das respostas concentrou-se nas opções de discordância em perguntas formuladas com termos técnicos, como “empoderamento feminino preto na sociedade”. Isso resultou em médias numéricas baixas, que, à primeira vista, sugeririam fraca associação entre a música e o conceito acadêmico de empoderamento.

No entanto, as respostas abertas apontam para outra direção. Quando convidadas a escrever livremente o que a música representa, as participantes destacaram, com frequência, temas como confiança, autoestima, representatividade, identidade racial e autonomia financeira. Em termos agregados, a confiança e a autoestima aparecem como a mensagem mais citada; em seguida, surgem menções à representatividade da mulher negra e à importância de “correr atrás” do próprio dinheiro.

Uma participante sintetiza a ruptura de estereótipos ao afirmar: “Não precisamos nos encaixar em um padrão de inteligência em que nos privamos de viver momentos como festas... porque podemos ser inteligentes e ter qualquer estilo de vida ou vestimenta simultaneamente.”

Esse depoimento dialoga diretamente com o eixo “gostosa e inteligente” discutido na seção 4.2.1, reforçando a ideia de que a canção ajuda a desnaturalizar dicotomias impostas às mulheres negras. A partir da perspectiva da recepção, a interseccionalidade (DAVIS, 1981; RIBEIRO, 2018) se manifesta na forma como as ouvintes articulam corpo, estilo de vida, trabalho e inteligência em uma mesma figura.

4.3.3 Força, resistência e função de “despertador”

Outro achado relevante diz respeito à função motivacional da canção. Em alguns itens fechados, houve alta proporção de respostas que indicavam discordância à afirmação de que a música seria utilizada em momentos de motivação ou enfrentamento de desafios. No entanto, os comentários qualitativos caminham na direção oposta.

Diversas participantes descrevem a música como um verdadeiro “despertador” emocional: “Sempre que acordo xoxa, capenga, coloco essa música e ela faz com que eu me sinta capaz de enfrentar situações difíceis.”; “Ela é literalmente meu despertador de todos os dias, pra eu sempre me inspirar e correr atrás do que é destinado a ser meu.”; “Representa a voz da força e da resistência, mostrando que mesmo diante das dificuldades é possível vencer com coragem e autoestima.”

Esses relatos sugerem que a canção não é apenas apreciada, mas incorporada à rotina como recurso para enfrentar desafios e reorganizar a autoimagem, funcionando como suporte simbólico em situações de vulnerabilidade. À luz de hooks (2018) e Davis (2017), isso reforça a dimensão afetiva do empoderamento: a música contribui para a construção de uma narrativa interna de força, coragem e merecimento, em contraposição ao desautorização histórico de mulheres negras.

4.3.4 Tensões entre dados fechados e respostas abertas

A comparação entre os resultados quantitativos e os qualitativos revela uma tensão importante. Em diversas questões fechadas, especialmente aquelas que utilizavam termos técnicos como “empoderamento feminino preto” ou formulações mais abstratas, houve tendência à discordância nas escalas. Entretanto, as respostas abertas mostram identificação forte com conteúdo que, na literatura, são justamente definidos como dimensões do empoderamento: autoestima, autonomia financeira, representatividade, força e resistência.

Essa discrepância sugere que a ferramenta de mensuração (formulação dos itens fechados) pode não ter captado com precisão a forma como as participantes entendem os conceitos acadêmicos. Em outras palavras, o problema parece residir menos na relação das ouvintes com a música e mais na distância entre o vocabulário da teoria e o vocabulário cotidiano das respondentes.

Mesmo com essas limitações, a convergência entre a análise da letra e os depoimentos qualitativos permite afirmar que a canção é percebida como fonte de força, inspiração e reconhecimento, ainda que as participantes não utilizem, espontaneamente, o rótulo “empoderamento feminino negro” para nomear essa experiência.

4.4 Comparação com estudos anteriores

A análise do discurso de Duquesa em “Primeiro de Maio” dialoga com estudos sobre o rap feminino negro que tomam Dina Di como referência pioneira, ao reafirmar o gênero como espaço de denúncia do racismo, do machismo e das desigualdades nas periferias, bem como de construção de autoestima e identidade (ROMÃO, 2022). Ao articular corpo, desejo, competência e respeito, Duquesa insere sua canção nessa tradição de resistência, mas também a atualiza em um contexto de plataformização da música e centralidade das redes sociais (HOLLANDA, 2005). Diferentemente do foco mais centrado em denúncia e sobrevivência observado por Romão (2022), “Primeiro de Maio” enfatiza o sucesso profissional, o cachê e o “malote” como componentes legítimos do empoderamento feminino negro, deslocando o olhar para uma gramática em que lucro, ascensão econômica e “postura de chefe” passam a integrar, de forma explícita, o repertório político e simbólico disponível às mulheres negras na cena contemporânea.

Nesta pesquisa, um dos achados que se destaca em relação à literatura revisada é a centralidade da ideia de faturamento e de sucesso econômico como parte constitutiva do empoderamento. Enquanto muitos estudos sobre rap feminino negro enfatizam a resistência, a denúncia das violências e a luta pela sobrevivência em contextos periféricos (ROMÃO, 2022), em Duquesa a narrativa desloca-se para a celebração da competência, do profissionalismo e do retorno financeiro como prova de mérito e de quebra de barreiras. Quando a artista associa prazer, festa e autonomia financeira — “rebolo na sexta, conto grana na segunda” — ou afirma a necessidade de ser “a mais concorrida” quando “o foco é o malote”, o dinheiro deixa de ser apenas pano de fundo e se torna signo explícito de poder, reconhecimento e redistribuição simbólica de valor em um cenário marcado pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

Essa inflexão não elimina a dimensão de resistência, mas a reconfigura: o trabalho bem remunerado, o cachê elevado e os signos de consumo passam a operar como marcadores de conquista e não apenas como objetos de crítica. A contribuição específica deste estudo, portanto, consiste em evidenciar como, em “Primeiro de Maio”, o discurso sobre dinheiro e sucesso é incorporado ao repertório de empoderamento feminino negro, articulando-se a autoestima, liderança e exigência de respeito, em continuidade e, ao mesmo tempo, em avanço em relação ao que foi mapeado por Romão (2022) sobre gerações anteriores de MCs.

Do ponto de vista dos estudos sobre rap feminino negro, os resultados sugerem a importância de ampliar o olhar para além das categorias clássicas de denúncia, sofrimento e

resistência, incorporando de forma mais sistemática o exame de narrativas que valorizam lucro, carreira e ascensão como componentes do empoderamento. A trajetória discursiva de Duquesa aponta que falar de dinheiro, faturamento e prestígio profissional não significa abandonar a crítica social, mas disputar o lugar de sujeito econômico e de liderança em um mercado e em uma sociedade atravessados por desigualdades de raça e gênero (ALMEIDA, 2019; ROMÃO, 2022).

Para o campo da Comunicação e do Marketing, este estudo reforça que a construção da marca-artista de mulheres negras no rap/trap contemporâneo articula estética, narrativa e posicionamento social. A imagem de Duquesa como “chefa”, bem-sucedida, autônoma e respeitada, tal como aparece na letra e na recepção das ouvintes, funciona como ativo simbólico que fortalece laços de identificação e alimenta imaginários de mobilidade e mudança social. Ao evidenciar essa articulação entre empoderamento, dinheiro e circulação musical, o trabalho contribui para compreender como estratégias de posicionamento podem potencializar mensagens críticas e antirracistas sem esvaziá-las, oferecendo pistas para análises futuras sobre outras artistas e obras..

4.5 Considerações parciais

De modo geral, a análise integrada da letra e da recepção indica que “Primeiro de Maio” funciona como um discurso de empoderamento feminino negro em múltiplas frentes: a) reconfigura estereótipos históricos ao afirmar a mulher negra como “gostosa e inteligente”, recusando a cisão entre corpo e mente; b) inscreve o trabalho e o faturamento no centro da narrativa, associando sucesso material a merecimento, competência e ruptura com a precariedade estrutural; c) constrói a figura da “chefa” como metáfora de liderança, autonomia e exigência de respeito; d) é incorporada pelas ouvintes como “despertador” motivacional, acionado em momentos de desânimo ou desafio; e) reforça dimensões de autoestima, representatividade, autonomia financeira e força, ainda que o vocabulário acadêmico de “empoderamento” nem sempre seja mobilizado pelas participantes.

Ao mesmo tempo, reconhece-se que a análise se baseia em um caso único (uma canção) e em uma amostra não probabilística e relativamente pequena de ouvintes, o que limita a generalização dos resultados. As tensões entre os dados fechados e as respostas abertas também indicam a necessidade de aprimorar os instrumentos de pesquisa para aproximar melhor o vocabulário teórico do linguajar cotidiano das participantes.

Essas considerações parciais servem de base para as conclusões do trabalho, nas quais serão retomados os objetivos e explicitadas as contribuições do estudo para os debates sobre rap feminino negro, empoderamento e comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar de que modo a letra da música “Primeiro de Maio”, da rapper Duquesa, constrói enunciados de empoderamento de mulheres negras e quais impactos produz em suas ouvintes. A partir dessa questão norteadora, foram definidos três objetivos específicos: (i) identificar os principais temas associados ao empoderamento feminino negro presentes na canção; (ii) examinar o uso da linguagem, das metáforas e das referências culturais como dispositivos de construção de mensagens de força e resistência; e (iii) compreender de que maneira e em que dimensões a obra impacta a vida de quem a escuta, considerando percepções, afetos e deslocamentos de autoimagem e agência.

À luz da análise da letra e da pesquisa de recepção, é possível afirmar que o objetivo geral foi atendido. A canção se mostra um discurso consistente de empoderamento feminino negro, que articula corpo, trabalho, dinheiro, liderança e respeito em uma narrativa marcada pela interseccionalidade e pela reivindicação de fala no espaço público.

A análise temática da letra mostrou que a canção organiza-se em eixos centrais como a afirmação “gostosa e inteligente” (reconfigurando estereótipos sobre corpo e mente da mulher negra), a articulação entre prazer, festa e autonomia financeira (“rebolo na sexta, conto grana na segunda”), a “postura de chefe” ligada à liderança e comando, e a exigência de respeito e reconhecimento profissional, dialogando com a literatura sobre racismo estrutural, feminismo negro e empoderamento (DAVIS, 1981; WERNECK, 2006; ALMEIDA, 2019; RIBEIRO, 2018).

A linguagem da canção se vale de metáforas, slogans e imagens cotidianas (“gostasas inteligentes”, “chefe”, “malote”, “cachê”) que condensam debates sobre corpo, trabalho, dinheiro e interseccionalidade, operando como prática discursiva em que rima, flow e vocabulário de rua traduzem opressões e resistências em repertório de autoafirmação. Os dados de recepção indicam que, mesmo com tensões nas respostas fechadas, as ouvintes associam a música à autoestima, confiança, representatividade, autonomia financeira e força para enfrentar desafios, acionando-a como “despertador” ou “hino motivacional” e projetando a imagem da artista como horizonte de liderança e sucesso, ainda que nem sempre usem o termo acadêmico “empoderamento feminino negro”.

De forma sintética, pode-se dizer que a canção “Primeiro de Maio” cumpre um duplo papel: reconfigura simbolicamente a figura da mulher negra, articulando corpo, desejo, inteligência e dinheiro, e fornece um repertório afetivo e discursivo que as ouvintes utilizam para nomear suas próprias forças, ambições e resistências. Teoricamente, o estudo contribui para os debates sobre rap/trap feminino negro, comunicação e empoderamento ao evidenciar

como uma única canção condensa, em linguagem acessível, discussões complexas sobre raça, gênero e classe, confirmando o rap como prática discursiva de resistência e afirmação identitária, mas enfatizando, no caso de Duquesa, a centralidade do faturamento, do cachê e da ascensão econômica como dimensões explícitas do empoderamento. Ao tratar de lucro, “malote” e “ser a mais concorrida”, a artista disputa o lugar de sujeito econômico em um contexto marcado pelo racismo estrutural e, do ponto de vista da Comunicação e do Marketing, constrói uma marca-artista que integra estética, narrativa e posicionamento social, fortalecendo laços de identificação e alimentando um imaginário de ascensão e mudança social sem esvaziar o conteúdo crítico de sua mensagem.

Como todo estudo, este trabalho apresenta limitações que precisam ser reconhecidas. Em primeiro lugar, trata-se de um estudo de caso único, centrado em uma canção específica, o que impede generalizações amplas para todo o universo do rap/trap feminino negro. Além disso, a amostra de ouvintes foi pequena, não probabilística e restrita a mulheres negras, maiores de 18 anos, residentes em Goiânia/GO, o que limita a representatividade estatística dos achados. O uso de questionário on-line baseado em autorrelato também está sujeito a vieses de interpretação, memória e desejabilidade social, e a discrepância entre respostas fechadas e abertas indica que a formulação de itens com termos técnicos, como “empoderamento feminino preto”, pode não ter sido plenamente apropriada pelo público respondente. Apesar dessas restrições, a triangulação entre referencial teórico, análise temática da letra e depoimentos qualitativos reforça a consistência das conclusões, desde que lidas dentro do recorte metodológico adotado.

Os resultados obtidos abrem perspectivas para pesquisas futuras, como estudos comparativos com outras artistas do rap/trap feminino negro, aprofundamentos da recepção por meio de entrevistas em profundidade ou grupos focais e abordagens multimodais que considerem letra, clipes, performances e estratégias de circulação em redes sociais. Também se sugere investigar de forma mais sistemática as relações entre empoderamento, dinheiro e consumo em narrativas musicais de mulheres negras.

Em síntese, o trabalho mostrou que Duquesa, por meio de “Primeiro de Maio”, constrói um discurso político e afetivo potente, que oferece vocabulário, imagens e energia para que mulheres negras se reconheçam como gostosas, inteligentes, chefas e merecedoras de respeito. Ao reivindicar fala e visibilidade em um campo atravessado por racismo e sexismo, a artista contribui para confrontar o desautorização histórico de mulheres negras e afirmar novas possibilidades de existência, liderança e sucesso, evidenciando como uma obra musical pode atuar como ferramenta concreta de empoderamento e disputa de sentidos na sociedade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DAVIS, Angela. **Women, race & class**. New York: Random House, 1981.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de H. C. Veloso. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUQUESA. **Primeiro de Maio** (Gostosas Inteligentes). Single musical. Brasil: Duquesa, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Hip-hop: a periferia grita**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Ipea, 2011.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de marketing**. 14. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

ONU MULHERES. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. **Conceitos e definições sobre empoderamento das mulheres**. Brasília: ONU Mulheres, 2010.

RIBEIRO, Djamilá. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROMÃO, Suellen Rodrigues. De elas com elas e para elas: mulheres negras no rap nacional em Fortaleza – Ceará. 2022. **Monografia** (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

WERNECK, Jurema. **Ninguém nasce mulher negra: torna-se**. Rio de Janeiro: Criola, 2000...

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado às ouvintes da canção “Primeiro de Maio”

Dados de identificação

1. Qual a sua idade?
2. Você já ouviu a música “Primeiro de Maio”, da Duquesa?
() Sim
() Não
3. Para as afirmações a seguir, indique o quanto você concorda ou discorda, utilizando a escala:

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo parcialmente
- 3 – Nem concordo nem discordo
- 4 – Concordo parcialmente
- 5 – Concordo totalmente

4. “Ouvir a música ‘Primeiro de Maio’ me motiva a agir com mais confiança no meu dia a dia.”
(1) (2) (3) (4) (5)
5. “A música contribui para minha compreensão do empoderamento feminino preto na sociedade contemporânea.”
(1) (2) (3) (4) (5)
6. “A música me inspira a enfrentar desafios pessoais e profissionais.”
(1) (2) (3) (4) (5)
7. “Ao ouvir ‘Primeiro de Maio’, sinto que a música tem influenciado minha forma de pensar e minhas atitudes no combate aos preconceitos que vivencio.”
(1) (2) (3) (4) (5)
8. Você costuma ouvir a música “Primeiro de Maio” em momentos em que precisa de motivação ou inspiração?
(1 – Discordo totalmente) ... (5 – Concordo totalmente)
9. Na sua percepção, a música contribui para valorizar a presença e a força das mulheres pretas na sociedade?
(1 – Discordo totalmente) ... (5 – Concordo totalmente)
10. Qual mensagem da Duquesa você considera mais poderosa para o empoderamento feminino preto?
11. O que essa canção representa pra você?

APÊNDICE B – Roteiro de análise temática da letra “Primeiro de Maio”

Neste apêndice, apresenta-se o roteiro utilizado para a análise temática exploratória da letra da canção “Primeiro de Maio”, contendo o registro sistematizado dos versos selecionados, observações da pesquisadora, temas associados e vínculos com o referencial teórico.

Quadro 1 - Roteiro de análise temática da letra “Primeiro de Maio”

Verso / enunciado	Observação da pesquisadora	Tema associado	Ligação com a teoria
“Gostasas inteligentes / Rebolo na sexta, conto grana na segunda”	Reconfiguração simultânea de corpo e intelecto. Lazer, sensualidade e gestão financeira aparecem como dimensões integradas da mesma mulher negra.	Afirmação identitária; autonomia financeira	Empoderamento feminino negro; interseccionalidade; ruptura de estereótipos sobre corpo e mente da mulher negra.
“Postura de chefe / Chefa, chefe”	Repetição funciona como slogan de liderança. A locução “chefe” desloca o lugar de comando para uma mulher negra que assume o centro da cena.	Liderança; agência; autoridade simbólica	Empoderamento social e político; disputa de lugares de poder historicamente negados a mulheres negras.
“Troca a wave, troca a lace, troca a unha”	Verso enfatiza o controle sobre estética e aparência como escolha, não como imposição. A mudança constante é apresentada como sinal de liberdade e não de instabilidade.	Autonomia corporal; estética como poder	Empoderamento corporal/sexual; ressignificação da beleza negra e da feminilidade.
“Carro com cheiro de novo, um banco todo de couro / Só o lucro me interessa”	Bens de consumo de alto valor aparecem como marcadores de ascensão econômica. O “lucro” é apresentado como resultado do próprio trabalho e talento.	Ascensão econômica; consumo; mobilidade social	Empoderamento econômico; enfrentamento do racismo estrutural que confina mulheres negras à precariedade.
“Se o foco é o malote, tenho que ser a mais concorrida”	A rapper se coloca como profissional altamente disputada, valorizando competência, performance e reconhecimento de mercado.	Valorização profissional; mérito; sucesso	Empoderamento econômico; disputa do lugar de sujeito econômico em contexto de desigualdade racial e de gênero.
“Eu ganhei mais respostas depois que o cachê subiu / Eu não quero que me amem, mas espero que respeitem”	O aumento do cachê revela que o respeito chega tardiamente, atrelado ao valor financeiro. A artista prioriza respeito e reconhecimento profissional, não afeto.	Respeito; reconhecimento; crítica às relações de poder	Racismo estrutural; empoderamento político e profissional; reivindicação de respeito como direito básico.

Fonte: elaboração das autoras (2005).